

(Re)pensando o ensino de variação linguística no contexto do vestibular: uma proposta sociofuncionalista

(Re)thinking the teaching of linguistic variation in the context of university entrance exams: a sociofunctionalist proposal

(Re)pensando la enseñanza de la variación lingüística en el contexto de los exámenes de acceso a la universidad: una propuesta sociofuncionalista

Dennis Castanheira

Universidade Federal Fluminense (UFF/ Brasil)
denniscastanheira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>

Thais Estolano

Universidade Federal Fluminense (UFF/ Brasil)
thais_estolano@id.uff.br
<https://orcid.org/0009-0003-2184-7761>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo estabelecer, à luz do Sociofuncionalismo, propostas de como trabalhar a variação linguística no contexto do vestibular. Para isso, metodologicamente, adotamos um olhar qualitativo e quantitativo bibliográfico e empírico, já que retomamos trabalhos anteriores e atualizamos seus resultados a fim de haver o mapeamento da frequência de questões nas provas de 2009 a 2025 e o rastreamento dos seus temas. Após essa etapa, apresentamos formas de (re)pensar o ensino de variação voltado para o contexto do Enem, com propostas de discussão e textos que podem ser usados em questões autorais. Nossos resultados indicam que em todos os anos a variação é abordada e que isso ocorre por meio de seis temas: marcação de identidade cultural, preconceito linguístico, adequação, tipos de variação, aspectos gramaticais e norma-padrão. Também indicam que



é possível adotar um olhar sociofuncionalista e que esse é um caminho coerente para elaboração de novas propostas.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Sociofuncionalismo; Ensino.

ABSTRACT

This article aims to establish, in light of Sociofunctionalism, proposals for working with linguistic variation in the context of university entrance exams. Methodologically, we adopted a qualitative and quantitative bibliographic and empirical approach, as we reviewed previous studies and updated their results in order to map the frequency of questions on exams from 2009 to 2025 and track their topics. After this stage, we present ways to (re)think the teaching of linguistic variation focused on the Enem context, with discussion proposals and texts that can be used in authorial questions. Our results indicate that variation has been addressed every year through six main topics: cultural identity marking, linguistic prejudice, adequacy, types of variation, grammatical aspects, and the standard norm. They also suggest that adopting a sociofunctionalist perspective is feasible and represents a coherent approach for the development of new proposals.

KEYWORDS: *Variation; Sociofunctionalism; Teaching.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo establecer, a la luz del Sociofuncionalismo, propuestas para trabajar la variación lingüística en el contexto de los exámenes de acceso a la universidad. Metodológicamente, adoptamos un enfoque bibliográfico y empírico, tanto cualitativo como cuantitativo, ya que revisamos trabajos previos y actualizamos sus resultados para mapear la frecuencia de preguntas en los exámenes de 2009 a 2025 y rastrear sus temas. Tras esta etapa, presentamos formas de (re)pensar la enseñanza de la variación lingüística enfocada en el contexto del Enem, con propuestas de discusión y textos que pueden ser utilizados en preguntas autorales. Nuestros resultados indican que, en todos los años, la variación ha sido abordada a través de seis temas principales: marcación de identidad cultural, prejuicio lingüístico, adecuación, tipos de variación, aspectos gramaticales y norma estándar. También sugieren que es posible adoptar una perspectiva sociofuncionalista y que esta constituye un enfoque coherente para la elaboración de nuevas propuestas.

PALABRAS-CLAVE: *Variación; Sociofuncionalismo; Enseñanza.*

1 Introdução

O Sociofuncionalismo vem, nos últimos anos, sendo relacionado às pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa com o intuito de levar às salas de aula um trabalho com a língua mais voltado à variação e ao discurso. Essa associação, segundo Castanheira (2023), vai ao encontro de postulados oficiais sobre o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, como os Parâmetros

Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, o que mostra a relevância de se discutir um ensino que seja alinhado ao uso, à variação e à pragmática em uma abordagem integrada.

Conforme Castanheira (2018) e Görski e Martins (2021), o Sociofuncionalismo engloba uma associação teórica entre a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2005; Görski; Paza, 2024) e o Funcionalismo norte-americano (Givón, 2022; Lima-Hernandes *et al.*, 2024), olhares que, apesar de suas especificidades, podem ser congregados em uma “conversa na diferença”. Isso se evidencia pelos muitos pontos de contato das teorias (estudo da língua em uso, mudança de modo gradual, integração entre diferentes níveis linguísticos) e pela possibilidade de flexibilidade de alguns dos pontos de divergência por meio da visão ampla de variação e da expansão do princípio da iconicidade.

Objeto central do Sociofuncionalismo, a variação linguística não é novidade no ensino, já que, como demonstram diversos estudos recentes, como os de Lima (2014), Patriota e Pereira (2018) e Castanheira (2023), esse tema é recorrente em livros didáticos e em documentos oficiais, no entanto ainda parece um desafio abordá-la com uma visão coerente com o que é esperado e discutido em uma visão científica. Outro ponto é a necessidade de não adotar estereótipos ou reforçar estigmas relacionados a grupos minorizados, o que ainda é feito em diferentes contextos pedagógicos.

Outra questão que se coloca é o lugar da variação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Isso se evidencia pela pesquisa realizada por Estolano e Castanheira (2024a; 2024b), em que os autores apresentam uma investigação sobre como o Enem tem trabalhado com essa temática a partir de um olhar quantitativo e qualitativo, demonstrando que esse tópico se encontra de forma diversificada nas provas, seja pela quantidade de questões, ou pelos temas discutidos. Essa diversidade demonstra que é necessário (re)pensar as estratégias de trabalho relacionadas à variação com foco no Enem.

É nesse âmbito que este artigo se insere. Nosso objetivo é estabelecer propostas de trabalho com a variação linguística no contexto do vestibular de modo coerente com o que é cobrado nas provas do Enem. Para isso, metodologicamente, adotaremos um olhar qualitativo e quantitativo bibliográfico e empírico e nos embasaremos no Sociofuncionalismo e em sua relação com o ensino. Nesse âmbito, tomaremos como base os estudos de Estolano e Castanheira (2024a; 2024b), a fim de percebermos as tendências e

o que deve ser mais (ou menos) focalizado, bem como expandirmos os seus debates.

Sendo assim, a partir desta introdução, este artigo se divide em mais três seções: primeiro, a apresentação de nossos pressupostos teóricos, em que articularemos os autores sociofuncionalistas e o ensino de língua portuguesa; em seguida, faremos uma discussão sobre como o Enem trata a variação linguística por meio da retomada de Estolano e Castanheira (2024a; 2024b) e da atualização dos seus resultados por meio de provas mais recentes; e, enfim, apresentaremos as propostas de ensino. Por último, vamos expor nossas considerações finais e as referências bibliográficas citadas. Esperamos, com isso, contribuir para o trabalho variacionista em sala de aula, não só de forma pertinente ao vestibular, mas também de maneira que extrapole os clichês já estabelecidos.

2 Sociofuncionalismo e ensino

Este artigo tem como embasamento teórico o Sociofuncionalismo. Essa interface congrega aspectos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano, no entanto, “ao aludirmos à possibilidade aglutinativa das bases de ambas as teorias, não podemos (...) defender uma mera justaposição de pressupostos” (Sousa; Kanthack; Rosa, 2023, p. 134). A partir do que é chamado de “conversa na diferença”, ou mesmo uma “terceira via de abordagem”, o Sociofuncionalismo se desenvolve (Tavares, 2013; Tavares; Görski, 2015; Castanheira, 2018). Essa interface se torna pertinente, tendo em vista que ambas as teorias partem do pressuposto de que a língua é mutável e tem a variabilidade como inerente.

Tal diálogo não é novo, já que, desde os anos 1980, estudos sob esse olhar têm sido desenvolvidos, inicialmente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, posteriormente, em outros centros de pesquisa, como a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal Fluminense. Isso demonstra a multiplicidade de possibilidades e a fertilidade do tema, seja em um olhar empírico, ou voltado ao ensino de línguas.

May (2009) afirma que essa interseção é interessante, uma vez que uma teoria amplia o horizonte da outra, levando-nos a uma abordagem que nos oferece mais ferramentas para analisar os objetos, como o reconhecimento de pressões funcionais, caras aos estudos funcionalistas, nos fenômenos de

variação e mudança, objeto das pesquisas sociolinguísticas. Nesse sentido, os sociofuncionalistas buscam explicar as motivações do uso de diferentes formas linguísticas, mediante o estudo da língua em contextos reais de comunicação. Para promover tal estudo, os pesquisadores dessa área utilizam fatores tanto estruturais, quanto sociais e funcionais, levando em consideração os participantes, o objetivo da interação e o contexto discursivo.

Tavares (2013) defende a relação entre a gramaticalização e o fenômeno da variação morfossintática, tida como um dos pilares que sustenta a interface sociofuncionalista. Conforme a autora, como resultado da gramaticalização, ao longo do tempo, emergem novas camadas na língua, que coexistem com outras mais antigas, o que é denominado, por Hopper (1991), como “estratificação”. Esse pode ser relacionado ao fenômeno da variação linguística, uma vez que esta implica a existência de formas variantes, ou seja, formas utilizadas para se expressar a mesma função ou mesmo significado. Sob essa ótica, Tavares (2013) defende que o objeto central dos estudos sociofuncionalistas deve ser a coexistência de camadas ou variantes em um mesmo domínio funcional.

Além disso, de acordo com Sousa, Kanthack e Rosa (2023, p. 146), na análise dos usos reais da língua, a forma e a função podem ser observadas a partir de ajustes e remodelações “e, se repetidas, podem se tornar regulares, passando a fazer parte da gramática. Nesse processo [...] a frequência de uso exerce um papel fundamental, pois são os seus efeitos que indicarão o que estará se tornando fixo na gramática da língua”. Assim, em uma visão sociofuncional, a emergência dos aspectos linguísticos pode ser observada a partir dos mapeamentos dos seus usos em relação a questões quantitativas.

Desse modo, o Sociofuncionalismo pode ser entendido como a interface variação e discurso, em que fenômenos variáveis – sejam esses em âmbito fonológico, morfológico, (morfos) sintático, semântico ou discursivo – são analisados de modo contextualizado e vinculado às motivações funcionais. As variações nos usos pronominais, verbais, oracionais e adjetivais são mapeadas e discutidas por meio de fatores controlados e devidamente vinculados às situações discursivas em que ocorrem. Por isso, nessa esfera, não há um olhar isolado para a forma, para a sociedade, ou para a função, devendo, na verdade, haver uma integração entre tais pontos.

Expandindo tais reflexões, ao trabalhar a variação em sala de aula, cabe trazer um embasamento teórico sociofuncionalista. Isso se mostra relevante, dado que, segundo Castanheira e Cezario (2024), um ponto central do tratamento do português na sala de aula é explicitar as motivações

pragmáticas para os usos linguísticos, discutindo sua multifuncionalidade e seus contextos de uso. Para Castanheira (2023), ao se adotar uma abordagem sociofuncionalista no ensino, é preciso considerar a língua como viva e sujeita aos processos de variação e mudança, os quais são motivados discursivamente.

No entanto, essa ideia ainda parece ser pouco apresentada nas aulas de língua portuguesa na educação básica, em que a variação, por vezes, é tomada apenas como um tópico a ser apresentado para os alunos, entre tantos outros listados no programa. Isso ocorre, pois, desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais na década de 1990 e da Base Nacional Comum Curricular no final da década de 2010, a variação tem sido progressivamente mais discutida no âmbito escolar, com espaço em diversos materiais didáticos e em provas de larga escala, como o Enem.

Mas o desafio acerca de como fazer isso ainda é grande. Frequentemente o lugar da variação ainda é apenas nas histórias de Chico Bento ou na literatura de cordel. Destacamos que é muito importante que tais questões sejam retratadas – ou seja, não há problema algum em fazê-lo. Contudo, não podemos nos limitar, visto que há fenômenos variáveis nas falas de outros personagens da Turma da Mônica e em outros textos literários, inclusive de grupos dominantes. Assim, a variação não pode ser vista como algo “regional” ou como uma “curiosidade” dada em uma aula no sexto ano do Ensino Fundamental ou no primeiro ano do Ensino Médio, devendo ser uma concepção perene nas aulas, inclusive de gramática.

Algumas alternativas de trabalho podem ser vistas em estudos recentes. Conforme Castanheira e Cezario (2024) e Castanheira e Vianna (2025), o Sociofuncionalismo na sala de aula é um caminho que pode trazer muitos ganhos ao ensino de língua portuguesa e, mais precisamente ao trabalho com fenômenos gramaticais, como os pronomes e as conjunções. Segundo os autores, trabalhar com a gramática na escola é certamente um dos grandes desafios dos professores, por englobar inúmeras pontas, que vão desde o descompasso entre a tradição e os usos linguísticos até os avanços científicos mais recentes sistematizados, por exemplo, em alguns documentos oficiais.

Os autores apresentam propostas para a inserção dos pronomes com função de sujeito e o conectivo “só que” em sala de aula. Para Castanheira e Cezario (2024), o “só que” pode ser trabalhado como uma questão de variação e de mudança, bem como pode ser abordado como elemento de conexão textual e articulação de cláusulas. Já Castanheira e Vianna (2025) propõem que os pronomes pessoais com função de sujeito sejam discutidos por meio de

tweets que reflitam a sua reorganização, o seu impacto na concordância verbal e em outras categorias pronominais.

Também podemos encontrar propostas para a variação na sala de aula em uma visão sociofuncionalista em Sousa, Kanthack e Rosa (2023). Para os autores, alguns olhares possíveis são: (i) constituir *corpora* da língua em uso, tendo, como base, diferentes gêneros orais e escritos, mais e menos formais, de distintas esferas de interlocução; (ii) identificar, nos *corpora* constituídos, formas e funções variáveis e eleger variantes que possam ser analisadas de modo sistemático; (iii) observar como cada variante é usada, mapeando as suas funções e os seus usos mais regulares.

Desse modo, o Sociofuncionalismo, é uma possibilidade segura, fundamentada e bem articulada para trabalhar com a variação no âmbito escolar, o que pode englobar diferentes estratégias pedagógicas. Boa ferramenta para superar os desafios sobre a variação em sala de aula, permite que a língua portuguesa seja analisada de forma intrincada na interface variação-discurso, fornecendo o instrumental necessário. É possível, então, relacionar a variação aos contextos discursivos, como gêneros e domínios, às funções dos elementos linguísticos, ao preconceito linguístico e a vários outros tópicos englobados pela investigação à luz da interface sociofuncionalista.

Tendo em vista que o objetivo deste artigo é propor maneiras de trabalhar a variação linguística no contexto do vestibular, cabe a nós a apresentação também de como o Enem trabalha esse tema em suas provas. A esse debate será dedicada a próxima seção, que discutirá os resultados sistematizados por Estolano e Castanheira (2024a; 2024b) na análise das provas de 2009 a 2022 e expandirá para as provas mais recentes.

3 A variação no Enem: revisitando e expandindo Estolano e Castanheira (2024a; 2024b)

O Enem foi criado em 1996 com o objetivo de analisar o Ensino Básico brasileiro. Em 2009, contudo, foi reformulado com a intenção de servir, também, como porta de entrada para as instituições brasileiras de Ensino Superior. No momento dessa reformulação, houve uma nova Matriz de Referência, a qual dispõe, em sua parte dedicada à prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, de uma competência voltada somente para a variação linguística, o que é extremamente relevante para este artigo.

Com o passar dos anos, desde sua reformulação, o Enem se tornou o maior vestibular do país, sendo a principal forma de ingresso para a grande

maioria das universidades públicas nacionais, bem como forma alternativa para instituições privadas. Isso fez os currículos escolares e de cursos preparatórios para vestibular voltarem suas atenções para como a prova trata os temas a serem trabalhados a partir da Matriz de Referência, de suas Competências e Habilidades.

Com o objetivo de propor estratégias para trabalhar a variação linguística com foco no Enem, cabe a nós, nesta seção, demonstrar como a prova vem tratando o tema ao longo dos anos. Nesse sentido, a Competência de área 8, voltada para a variação, engloba alguns pontos de grande relevância, como podemos observar pela sua leitura na íntegra:

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H25 – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

H26 – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

H27 – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação (Brasil, 2009).

A inclusão dessa Competência e de suas habilidades tem como foco avaliar se o participante não só compreende a língua como geradora de significação e parte de sua própria identidade, como também se ele é hábil a identificar tipos de variação – sociais, regionais e de registro –, a adequar as diferentes variedades e normas a situações sociocomunicativas diversas e a reconhecer a norma padrão e os seus contextos de uso.

Em nossa análise, porém, percebemos que, na Competência de área 6, há a Habilidade 20, conforme demonstrado a seguir:

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

H19 – Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.

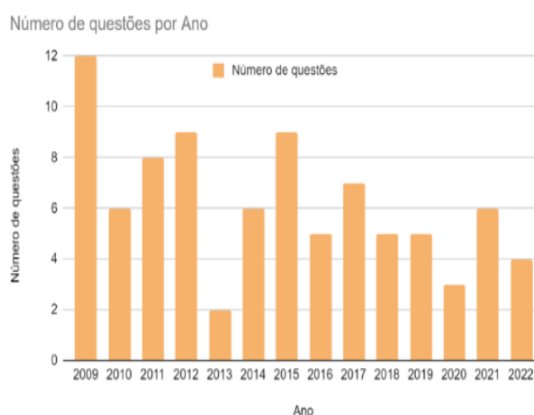
H20 – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional (Brasil, 2009).

Essa Habilidade, na prática, pode englobar também questões de variação, já que, sob um olhar plurilíngue e estilístico, a variação linguística pode contribuir para construção identitária de diferentes grupos sociais e também a preservação da sua memória por meio do patrimônio linguístico.

Para entender melhor como isso é abordado no Enem, metodologicamente, vamos retomar os trabalhos de Estolano e Castanheira (2024a; 2024b) e atualizá-los. Em seus estudos, os autores analisaram como a variação linguística é contemplada nas provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Enem de 2009 a 2022. A metodologia é de ordem qualitativa e quantitativa e segue os pressupostos variacionistas e a sua relação com o ensino de língua portuguesa em prol de uma pedagogia da variação.

Segundo os autores, ao longo dos anos, as provas contêm questões que abordam a variação em todos os anos. Acerca da quantidade, de acordo Estolano e Castanheira (2024a; 2024b), não há um número exato da quantidade de questões que envolvem variação nas provas do Enem em todos os anos. Dentre as 40 questões possíveis (5 questões são sempre voltadas a uma língua estrangeira), não há um número específico de questões fixo, variando, por exemplo, de 12 questões sobre variação em 2009 a 4 em 2022, conforme Gráfico 1:

Gráfico 1: Número de questões sobre variação e mudança no Enem ao longo dos anos (2009-2022)



Fonte: Estolano e Castanheira (2024a)

Com a leitura desse Gráfico, é possível perceber, nos primeiros anos, houve uma instabilidade grande na quantidade de questões, porém, ao longo dos últimos, parece haver uma tendência quanto ao número. Embora não haja uma regra, percebemos que há de 3 a 6 questões por ano.

A fim de atualizar as reflexões de Estolano e Castanheira (2024a), metodologicamente, selecionamos as provas mais recentes e, portanto, analisamos as provas dos anos de 2023, 2024 e 2025. Com isso, concluímos que houve 6 questões em cada prova, o que demonstra a produtividade do tema e também a manutenção de um número equilibrado ao longo dos últimos anos. Isso indica que as reflexões dos autores são atuais e ainda devem ser consideradas, sobretudo em uma visão panorâmica acerca do tratamento da variação nas provas do Enem.

Além do aspecto quantitativo, a partir da taxonomia proposta pelos autores, partimos da sua análise sobre a diversidade de temas ligados à variação que foram trabalhados nas provas do Enem ao longo dos 14 anos e atualizamos tal olhar. Seguindo sua proposta, há seis temas: tipos de variação, adequação, norma-padrão, aspectos gramaticais, preconceito linguístico e marcação de identidade cultural. A definição se deu a partir da análise cuidadosa e da metodologia qualitativa das questões, do enunciado e das alternativas, que também seguimos em nosso trabalho.

O tema “tipos de variação” se relaciona à Habilidade 25 da Matriz de Referência, focalizando, principalmente, as variações dos tipos sociais, regionais e de registro. São, então, de questões em que o texto, em sua maioria, apresenta marcas linguísticas de alguma variedade do português, e que requer, do candidato, não só o conhecimento sobre a variabilidade da língua, mas também o entendimento de qual tipo de variação ocorre no texto apresentado. Esse tópico costuma ser bastante explorado em sala de aula, sobretudo em contextos voltados à preparação para o Enem.

Já as questões sobre “adequação” estão relacionadas à Habilidade 26, uma vez que o participante precisa relacionar a variedade a alguma situação ou contexto de uso, o que muito remete a aspectos discursivos, e, portanto, funcionais. Nesse cenário, as questões também apresentam textos em que há marcas linguísticas que singularizam a variedade presente, mas os enunciados e as alternativas são voltados para a percepção do candidato acerca da adequação da variedade utilizada à situação retratada no texto. Tal discussão pode ser relacionada à interface variação-discurso, tendo em vista que os usos são analisados de modo contextualizado.

As questões sobre “norma-padrão”, por outro lado, estão relacionadas à Habilidade 27. De certa maneira, elas se assemelham às questões de adequação, uma vez que também esperam dos participantes que entendam como a norma-padrão é esperada em algumas situações sociais. Elas se diferem, então, mediante a presença de textos, aqui, escritos seguindo a norma-padrão, e enunciados que, em sua maioria, explicitam esse uso. A intenção, nesse caso, é avaliar se o participante entende não só a necessidade de adequação linguística às situações sociocomunicativas, mas também a precisão, em algumas situações, de um uso mais próximo à norma-padrão.

Além desses três temas, Estolano e Castanheira (2024a) perceberam a recorrência de mais três tipos de questões. As enquadradas como de “aspectos gramaticais” são aquelas que utilizam textos sobre variação ou que contenham alguma forma variável, mas, em seu enunciado, pedem que o participante identifique, gramaticalmente, a variação, majoritariamente esperando que o participante saiba adequar aquele uso ao mais próximo da norma-padrão.

Já as questões de “preconceito linguístico” são as que, de alguma forma, requerem que o participante perceba a relação entre as variedades linguísticas e os grupos sociais, de maneira que pode levar a um preconceito voltado ao modo de se expressar de alguma comunidade. Apesar de não explicitamente presente na Matriz de Referência, essas também utilizam textos com marcas linguísticas de algumas variedades, visto que estão relacionadas aos estudos sociolinguísticos que defendem o papel das escolas e da educação básica de acabar com todos os tipos de preconceito, inclusive o linguístico.

Por fim, as questões de “marcação de identidade cultural” se relacionam ao entendimento de que a língua faz parte da organização da identidade do falante. Nesse contexto, essas questões apresentam textos e enunciados que focalizam o uso de um grupo específico e como esse uso se mostra importante na marcação da identidade de uma determinada comunidade de fala. Também foram alocadas aqui, pelos autores, as questões que tratam sobre o plurilinguismo presentes no Brasil, como as diversas línguas dos povos originários, o que se mostra pertinente por ajudar a combater o mito do monolinguismo no Brasil.

Um panorama do que foi discutido nesta seção, então, pode ser visto no Quadro 1:

Quadro 1: panorama da abordagem do Enem

Quantidade de questões	Temas
3 a 6 por prova desde 2018	Tipos de variação Adequação Norma-padrão Aspectos gramaticais Preconceito linguístico Marcação de identidade cultural

Fonte: elaboração nossa

Com esse Quadro, concluímos que a variação linguística é assunto constante no Enem e que ocorre de diferentes modos tanto em relação à quantidade de questões, como em relação aos temas presentes nas provas. Diante disso, o que fazer? Na próxima seção, exploraremos possíveis estratégias a serem adotadas em uma visão sociofuncionalista de ensino a ser relacionada ao Enem.

4 Uma proposta sociofuncionalista para o ensino de variação com foco no Enem

Após a discussão estabelecida nas seções anteriores, sabemos quais são os pontos principais da abordagem sociofuncionalista e como o Enem tem abordado a variação linguística ao longo dos últimos anos. Com isso, nosso enfoque, nesta seção, é apresentar ideias para o tratamento do assunto com olhar voltado especificamente ao Exame e às suas tendências acerca da variação. Para tanto, apresentaremos algumas possibilidades de abordagem, com possíveis textos a serem explorados com os alunos para o tratamento da variação em uma visão sociofuncional.

O ponto transversal a todas as propostas é a necessidade do maior protagonismo da variação linguística. Diante da sua constante presença nas provas de 2009 a 2025, não há como dizer que esse é um assunto periférico ou que deve estar apenas em algumas aulas ou momentos. Em edições recentes, chega a representar 15% do que é cobrado em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e, portanto, deve ser também discutida, tratada, sistematizada e explorada em sua multiplicidade.

Para tanto, o Sociofuncionalismo pode ser um importante alicerce, visto que a estuda de modo sistemático e também a relaciona a aspectos

pragmáticos, o que possibilita uma expansão de escopo, com a sistematização de elementos gramaticais que englobam o nível discursivo e a exploração mais detalhada dos contextos de uso. Com isso, além da relação entre língua e sociedade, é também acrescido o discurso como algo central e de mesma relevância teórica e pedagógica.

O trabalho com os temas mapeados nas provas do Enem também pode ser feito pelas bases sociofuncionalistas. Em relação à marcação de identidade cultural, o Sociofuncionalismo pode ser utilizado para discussão de questões identitárias, sobretudo em comunidades politicamente minorizadas. Ao longo dos anos, houve questões sobre o pajubá, a “língua de santo” e a “Língua da Tabatinga”, que englobaram a preservação do patrimônio nacional e também a importância da manutenção da identidade dos diferentes grupos sociais brasileiros.

Para que sejam elaboradas propostas coerentes com essa visão e com o que tem sido pedido no Enem, há algumas possibilidades. Uma é trabalhar com uma reportagem sobre o Gualín do TTK, variante que surgiu no bairro carioca do Catete na época da ditadura militar como uma forma de resistência dos moradores locais e que engloba a inversão na ordem das sílabas. Até hoje é utilizada por alguns grupos, tendo sido já objeto de estudos jornalísticos e acadêmicos, sendo, então, uma pauta que é de interesse público e que pode ser acessada de diferentes formas.

Uma alternativa é elaborar uma questão sobre uma notícia acerca do Censo de 2022 sobre as línguas indígenas faladas atualmente no Brasil. Isso é relevante, pois, nos últimos anos, houve diversas questões que englobaram o multilinguismo brasileiro e que demonstraram que o mito do monolinguismo deve ser combatido. Apesar disso, ainda parece haver uma resistência muito grande da população em relação a esse assunto, com muitas situações de preconceito e violência contra os povos originários, sendo, inclusive, pauta de disputas políticas no país.

Outra possibilidade é discutir uma notícia sobre o uso das expressões “é nós” e “é a gente” por facções criminosas no Rio de Janeiro. Esse assunto emergencial pode ser pauta de uma questão a ser elaborada, já que explora algo atual e que engloba a realidade brasileira hoje, com o aumento da violência e a dominação pelo crime organizado em diferentes territórios. Em alguns espaços, conforme consta em diversas fontes, só é possível utilizar uma das formas, pois representa um grupo específico e seu desvio pode levar à morte.

Em todas essas possibilidades, o Sociofuncionalismo fornece instrumental para que o tema seja explorado não apenas pelo viés gramatical,

mas também pragmático. Esses aspectos representam a manutenção de uma cultura local, seja essa positiva, ou negativa, e englobam as normas partilhadas por alguns grupos, o que se relaciona diretamente aos postulados sociofuncionalistas, já que questões culturais são determinantes para a discussão linguística e, portanto, os imaginários sociais e discursivos podem ser relacionados.

Já o preconceito linguístico pode ser trabalhado, por exemplo, por meio de tweets com manifestações de preconceito de portugueses contra brasileiros. Recentemente, houve diversos casos de moradores de Portugal sendo xenofóbicos em relação a brasileiros e, para atacá-los, muitas vezes, utilizam a língua, alegando que os brasileiros não sabem falar português. Essa prática é recorrente não apenas em tweets, mas em outras redes sociais e também já foi registrada pela mídia de diversos modos, o que faz com seja algo ainda mais passível de ser sistematizado.

Também pode ser explorado com um trecho do livro *A língua de Enlália*, de Marcos Bagno. Em muitas questões, há partes de textos maiores, inclusive obras longas. Popular novela sociolinguística e por vezes trabalhada em escolas brasileiras, traz trechos que demonstram claramente situações de preconceito linguístico e que poderiam ser explorados em questões voltadas para a realidade do Enem. Isso possibilita uma visão ampla e complexa do tema, pois traz para os alunos a leitura de um trecho de um texto voltado diretamente para o assunto.

É possível, ainda, fazer uma questão sobre a notícia de uma jurada que retirou pontos da escola de samba paulista Nenê de Vila Matilde pelo uso do termo “oxente” por considerá-la, em suas palavras, “erro de português”, o que fez com que essa ficasse em terceiro lugar no carnaval e não “subisse” para o Grupo Especial das escolas de São Paulo. Esse caso demonstra claramente o preconceito com grupos politicamente marginalizados, tendo em vista que a variante usada em partes do nordeste foi estigmatizada pela jurada, mesmo o manual de avaliação recomendando que formas populares ou típicas de uma região sejam consideradas se relacionadas ao enredo, como nesse caso.

Nos exemplos explorados, há dimensões sociais e pragmáticas, visto que os sujeitos discursivos que sofrem preconceito estão inseridos em situações interacionais que se relacionam aos usos. No fato da escola de samba, por exemplo, o uso da variante é explicado pela temática do enredo. Nesses casos, as formas linguísticas representam a construção da identidade discursiva dos seus usuários e possibilitam um exame cuidadoso das práticas socioculturais envolvidas na interação.

Já a adequação pode ser trabalhada por meio de um trecho de livro para o público adolescente. Como dito, há muitas questões com trechos de obras maiores e os diálogos e as partes com falas da narradora possibilitam muitas discussões sobre adequação discursiva e, portanto, funcional, em livros, como *Fala sério, mãe!* e *Confissões de uma garota Excluída, Mal-Amada e (Um Pouco) Dramática*, de Thalita Rebouças. Autora muito popular entre os adolescentes, se vale de uma linguagem que mescla características da fala e da escrita a fim de construir os personagens e dialogar diretamente com o seu público-alvo, havendo, então, uma clara motivação para a tessitura linguística dos seus textos.

Ainda no âmbito literário, a adequação poderia ser trabalhada por meio de uma crônica ou de um conto sobre novas vivências discursivas de um personagem. Em muitas narrativas, diante de novas experiências, há a necessidade de modificar a sua linguagem e isso ocorre de modo motivado pelo contexto, pela situação interacional, o que se relaciona a uma visão sociofuncionalista. Situações assim ocorrem em vários textos disponíveis na internet e em coletâneas publicadas de modo impresso.

Também é possível trabalhar com uma tira cômica com personagens usando diferentes linguagens. Pode ser selecionado um texto de histórias já consagradas, como *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, *Calvin e Haroldo*, de Bill Watterson, ou *Mafalda*, de Quino, e ser elaborada uma questão em que haja marcas linguísticas relacionadas a situações específicas de uso. Há, nessas narrativas, muitos exemplos que podem ser explorados e as alternativas podem englobar a percepção dos candidatos sobre a situação retratada no texto destacado.

O Sociofuncionalismo é essencial como base para as discussões da temática adequação, tendo em vista que possibilita uma ampliação da noção de adequação sociolinguística, já que explora também o contexto discursivo e, com isso, o gênero textual, a situação de uso e a construção pragmática e outros pontos que podem explicar a motivação para as variações. Nessa visão, é essencial perceber como uma narrativa para um público vai adequar sua linguagem para fins persuasivos e de vendagem, bem como um personagem vai adaptar sua fala a depender do contexto discursivo.

Em relação aos tipos de variação, uma possibilidade é fazer uma questão com um trecho de uma entrevista escrita formal concedida a um jornal. Já houve propostas com textos mais formais para que os candidatos pudessem explorar os tais tipos, o que reforça essa ideia como possível. Além disso, seria possível, por meio desse trecho, explorar a motivação discursiva para o uso da linguagem mais formal, tendo em vista que se trata de um suporte mais

monitorado e institucionalizado, o que reforça a interface variação-discurso discutida pelo Sociofuncionalismo.

Também considerando a ideia de um *continuum* de marcas mais e menos formais, é possível trabalhar um meme com uma linguagem mais formal. Esse pode ser retirado de uma rede social, como o instagram, em que há diversas páginas especializadas em memes, dentre as quais destacamos @memesbrasil, @obrasilquedeucerto e @humorshow. A questão pode demonstrar que o meme costuma ter uma linguagem menos formal devido ao propósito comunicativo, ou seja, por uma motivação de ordem funcional.

Uma ideia também é trabalhar com uma letra de música com formas linguísticas típicas do estado de São Paulo. Isso seria bastante válido, pois o que geralmente é visto como regional é proveniente das regiões nordeste e norte. Tal aspecto seria feito de modo diferente se fossem trabalhados usos de locais que não são vistos como regionais – embora, evidentemente, também sejam. Poderia ser usada uma letra de um gênero musical que demonstre essa construção social, havendo, entretanto, cuidado para não reforçar estereótipos. Um exemplo seria “As mina de Sampa”, de Rita Lee.

O Sociofuncionalismo é um caminho para elaboração de propostas sobre os tipos de variação, pois possibilita explorar discursivamente os exemplos. Com isso, não apenas é discutido qual o tipo, mas também a motivação para a construção textual, com análise contextual detalhada, o que engloba as nuances dos memes, das entrevistas, das letras de música, ou de qualquer outro gênero selecionado e também explora como sua constituição está relacionada aos usos. É muito relevante, também, ter cuidado para não “cair em estereótipos”, sobretudo em discussões sobre usos regionais.

Já os aspectos gramaticais podem ser trabalhados por meio de alguns textos, como um trecho de entrevista sociolinguística oral dos *corpora* Discurso & Gramática ou Norma Urbana Culta. Seria possível elaborar uma questão sobre uma forma gramaticalizada, ponto crucial para o Sociofuncionalismo, como “aí”, “então”, “onde” ou “tipo”, que estabelecem conexão textual devido às mudanças que sofreram ao longo do tempo. Essa proposta é coerente, também, por, no Enem 2025, por exemplo, haver uma questão sobre o “daí”, o que demonstra a produtividade dessa ideia.

Também seria possível trabalhar com uma charge com formas gramaticais variáveis. Seria válido elaborar uma questão em que fossem destacadas formas verbais ou pronominais em competição (futuro simples e perifrástico, “nós” e “a gente”) fruto de gramaticalização, com alternativas que explorem os seus usos e os seus efeitos de sentido. Mais uma vez destacamos

que já houve questões sobre pronomes em outros anos, como evidenciam Castanheira e Attianezi (2025), o que demonstra a coerência da nossa proposta.

Uma ideia, ainda, é a elaboração de uma questão com um texto publicitário, em que sejam destacados os usos linguísticos com função injuntiva. Uma possibilidade é o “você” gramaticalizado, sendo usado como pronome sujeito e estratégia argumentativa, combinado, ainda, com verbos no imperativo (ou com papel de imperativo). Nesse caso, fica evidente o papel pragmático da gramática e, por isso, essa é uma proposta contextual e funcional, relacionada aos efeitos de sentido.

Nos três exemplos, o Sociofuncionalismo fica evidenciado como uma base sólida e possível, tendo em vista que abarca os estudos de gramaticalização e a variação ligada ao discurso, às situações comunicativas reais e centradas na interação. É importante destacar que englobam o papel dos gêneros (entrevista, charge e publicidade) e as diferentes modalidades (fala e escrita), o que faz com que o contexto possa ser discutido e sistematizado de modo mais detalhado e que os aspectos funcionais sejam relacionados às formas variáveis, como propõe essa interface.

Em relação à norma-padrão, pode ser elaborada uma questão a partir de um trecho de um texto do domínio discursivo jurídico, tendo em vista que, por vezes, esses textos, devido ao alto grau de monitoramento, estão mais próximos ao padrão. Isso pode ser feito de modo amplo, destacando o papel do discurso para o uso de diferentes normas e a necessidade comunicativo do uso e do reconhecimento da norma-padrão nesse texto, o que vai ao encontro de um olhar sociofuncional, centrado nos propósitos comunicativos.

Também é possível utilizar o poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade, para elaborar uma questão, já que esse questiona o *status* da norma-padrão. Essa é uma alternativa viável, pois apresenta uma visão crítica sobre os usos linguísticos a partir dos perfis sociolinguísticos, o que se enquadra em uma visão sociofuncional. A ideia de trabalhar com a construção discursiva sobre os sujeitos do poema também é relevante, já que reforça a visão pragmática.

Ainda há como utilizar um trecho de texto de divulgação científica sobre a pluralidade de normas, visto que já houve uma questão com trecho de artigo da autora Dinah Callou sobre norma. Seria possível elaborar uma proposta voltada para a constituição da norma-padrão, ou sobre o seu papel social. Também seria viável trazer reflexões sobre a pluralidade de normas, indo além do que é esperado tradicionalmente. De qualquer modo, seria possível alicerçar as ideias no Sociofuncionalismo, pois há uma relação entre a

noção de norma de modo mais pragmático, ligado à interação.

Em todos os exemplos, há uma base sociofuncionalista, o que demonstra que é possível trabalhar o tema ser adotar uma visão de correção ou punição. O entendimento da norma-padrão e da sua função social podem ser alternativas viáveis, tendo em vista que essa representa aspectos históricos, ideológicos e sociais diversos. A dimensão funcional pode ser aliada na relação com as situações de uso e os contextos discursivos de usos das diferentes normas.

Todas as discussões apresentadas nesta seção podem ser sistematizadas por meio do Quadro 2:

Quadro 2: Textos a serem usados para elaboração de questões modelo Enem

Tema	Possíveis textos para questões autorais
Marcação de identidade cultural	Reportagem sobre o Gualín do TTK. Notícia sobre o Censo de 2022 sobre as línguas indígenas faladas atualmente no Brasil. Notícia sobre o uso das expressões “é nós” e “é a gente” por facções criminosas no Rio de Janeiro.
Preconceito linguístico	Tweets com manifestações de preconceito linguístico de portugueses contra brasileiros. Trecho do livro <i>A língua de Eulália</i> . Notícia de jurada que retirou pontos de escola de samba pelo uso da palavra “oxente”.
Adequação	Trecho de livro para o público adolescente. Crônica sobre novas vivências discursivas de um personagem. Tira cômica com personagens usando diferentes linguagens.
Tipos de variação	Trecho de entrevista escrita formal a um jornal. Letra de música com formas típicas de São Paulo. Meme com linguagem mais informal.
Aspectos gramaticais	Trecho de entrevista sociolinguística do <i>corpus</i> Discurso & Gramática ou NURC. Charge com formas gramaticais variáveis. Publicidade com usos linguísticos com função injuntiva.
Norma-padrão	Trecho de texto do domínio discursivo jurídico. Poema “Pronominais”. Trecho de texto de divulgação científica sobre a pluralidade de normas.

Fonte: elaboração nossa

Nesse Quadro, apresentamos as possibilidades listadas e exploradas na seção, com três textos para cada temática, que podem ser explorados pela

elaboração de uma questão para cada, com alternativas seguindo modelo do Enem. Também podem servir de base para discussões mais amplas feitas em sala de aula e para exercícios mais abertos caso o docente julgue necessário e válido a depender da sua realidade.

Destacamos, contudo, que não pretendemos de forma alguma esgotar as possibilidades em relação aos temas, mas estabelecer propostas/ ideias que sejam coerentes com o que é explorado nas provas ao longo dos anos. Todos os debates, é claro, podem ser expandidos, com mais propostas e outros textos. As sugestões são apenas guias para aqueles que se interessam e trabalham com o tema e, por isso, buscam estudá-lo e explorá-lo, seja do ponto de vista do ensino ou da pesquisa.

5 Considerações finais

Neste artigo, tivemos como objetivo apresentar propostas para o ensino de variação linguística à luz do Sociofuncionalismo no contexto do vestibular de modo alinhado às provas do Enem. Para isso, retomamos os estudos de Estolano e Castanheira (2024a; 2024b), em que os autores analisaram como as provas de 2009 a 2022 abordaram o tema, bem como expandimos e atualizamos os resultados pela discussão dos exames de 2023, 2024 e 2025. Isso foi essencial para estabelecer um panorama coerente com o que tem sido realizado ao longo dos últimos anos na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Destacamos que o Sociofuncionalismo é uma interface teórica que congrega os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano por meio de uma “conversa na diferença”, o que engloba perdas e ganhos nesse “casamento” (Tavares; Görski, 2015; Castanheira, 2018; 2023; Sousa; Kanthack; Rosa, 2023). Nessa visão, a variação está diretamente relacionada aos contextos de uso, sendo motivada por fatores de ordem interacional. Por isso, no Sociofuncionalismo, questões sociais, linguísticas e discursivas são integradas.

Devido a tal embasamento, nossas propostas buscaram refletir, na medida do possível, um diálogo entre seus pressupostos. Destacamos, por exemplo, que é preciso trabalhar com a variação, já que essa tem representado cerca de 15% das questões de Linguagens mais recentes. Também enfatizamos que a pluralidade temática pode ser explorada de diferentes modos e que questões discursivas podem ser aliadas no trabalho com a adequação

linguística, os tipos de variação, o preconceito linguístico, a marcação da identidade cultural, a norma-padrão e os aspectos gramaticais.

Com isso, ao longo deste estudo, buscamos relacionar a abordagem da variação no Enem ao Sociofuncionalismo, buscando traçar ideias e estratégias de discussão e sistematização a fim de fomentar novas práticas pedagógicas centradas em uma pedagogia da variação e do discurso. A partir disso, é possível remodelar propostas e debater novas formas de trabalho, sejam articulando teorias ou expandindo para outros campos metodológicos e pedagógicos. Assim, o Sociofuncionalismo é uma alternativa possível para essa base e contribui efetivamente para o Enem.

Agradecimentos: Este estudo foi financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI E-26/201.763/2025 (310607)

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Matriz de Referência ENEM**. Brasília: Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2009. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf.
- CASTANHEIRA, D. Sociofuncionalismo e ensino de pronomes pessoais com função de sujeito. In: SOARES, E. P. M. *et al.* (Org.). **Descrição, Análise e Ensino de línguas**. Rio Branco: Nepan Editora, p. 84-90, 2023.
- CASTANHEIRA, D. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação-discurso. Pernambuco: **Revista Falange Miúda**, ano 3, p. 87-95, 2018.
- CASTANHEIRA, D.; ATTIANEZI, C. A abordagem sobre pronomes pessoais com função de sujeito nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). In: SIMÕES NETO, N.; SANTOS, D. B.; KNOTH, J. V.. (Org.). **Pesquisas contemporâneas sobre a língua portuguesa: perspectivas funcionalistas, cognitivistas e construcionais**. Salvador: EDUFBA, 2025, p. 291-313.
- CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. Ensino, “só que” em perspectiva sociofuncionalista. In: MACHADO VIEIRA, M. S.; MEIRELES, V.. (Org.). **Diversidade e estabilidade em línguas românicas/ Diversité et stabilité dans les langues romanes**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 255-278.

CASTANHEIRA, D.; VIANNA, J. B. S. Pronomes pessoais com papel de sujeito no ensino. In: CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Funcionalismo linguístico e ensino**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025, p. 93-110.

ESTOLANO, T.; CASTANHEIRA, D. A variação linguística nas provas do Enem (2009-2022): aspectos quantitativos e temáticos. **Miguilim – Revista Eletrônica do NETLLI**, v. 13, n. 7, p. 332-337, 2024a.

ESTOLANO, T.; CASTANHEIRA, D. Variação linguística nas provas do Enem: análise qualitativa ao longo do tempo. Rio de Janeiro: **Palimpsesto**, v. 23, n. 44, p. 242-265, 2024b.

GIVÓN, T. Functional syntax: an interview with T. Givón. **ReVEL**, v. 20, n. 39, 2022.

GÖRSKI, E. M.; MARTINS, M. A. Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa. **Revista da ANPOLL (Online)**, v. 52, p. 173-197, 2021.

GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. Variação socioestilística: um olhar multidimensional. In: PONTES, V. de O. *et al.* (Orgs.) **Sociolinguística: interfaces e aplicações**. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 54-77, 2024.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

LABOV, W. **Entrevista com William Labov: sociolinguistics by its creator**. São Paulo: *Revista Letra Magna*, v. 2, n. 2, 2005.

LIMA, R. J. Variação Linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 115-131.

LIMA-HERNANDES, M. C. *et al.* (Org.). **Cognição, Complexidade e Contexto como outras Mentes: um tributo a Talmy Givón**. São Paulo: Estige Editorial, 2024.

MAY, G. H. Discutindo o papel do funcional no Sociofuncionalismo. Florianópolis: **Work. pap. linguíst.**, p. 69-79, 2009.

PATRIOTA, L. M.; PEREIRA, P. R. F. O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. **Revista Letras Raras**, v. 7, p. 289-307, 2018.

SOUSA, V. V.; KANTHACK, G. S.; SILVA, C. R. Cartografia do Sociofuncionalismo no Nordeste. In: FREITAG, R. M. F.; AZEVEDO, I. C. M. (Org.). **Cartografia de pesquisas linguísticas no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces**. Campinas: Pontes, 2023, v. 3, p. 129-156.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Itabaiana: **Interdisciplinar**, Edição Especial ABRALIN/SE, Ano VIII, v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, p. 249-270, 2015.

Recebido em outubro de 2025.

Aprovado em dezembro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.

SOBRE OS AUTORES

Dennis Castanheira é doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, onde lidera projetos de ensino, pesquisa e extensão e atua na graduação, na Pós-Graduação *Lato Sensu* e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. É também docente do PROFLETRAS (UFRJ). É líder do Grupo de Pesquisa Língua em Uso e Ensino (LUE) e do projeto de pesquisa Uso e ensino de pronomes: questões sociofuncionais e textuais. Suas áreas de atuação são: Sociofuncionalismo, abordagem funcional-textual e ensino de língua portuguesa.

Thais Estolano é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. É membro do Grupo de Pesquisa Língua em Uso e Ensino (LUE) e do Grupo de Pesquisa Discurso e Gramática (D&G) da UFF. Sua área de atuação é o Sociofuncionalismo.